

## ESCLARECIMENTO

Os textos a seguir (a maior parte, se não todos) foram “ensaiados” no blog Pimenta na Muqueca, a partir de 2010, em experiência muito estimulante que vivi. “Provocado” pelo escritor Aleilton Fonseca, deixei a voluntária clausura, convenci-me (talvez num surto de imodéstia) de que estes escritos poderiam ter algum interesse. Revisei-os e, agora abrigados em livro, os (re) apresento ao respeitável público.

Agradeço aos diretores do Pimenta (jornalistas Davidson Samuel e Ricardo Ribeiro), ao citado Aleilton Fonseca (intelectual que eleva a região cacauqueira), à Editus/UDESC, mais uma vez generosa com este provinciano fazedor de crônicas, e, claro, aos leitores. Reais ou potenciais, eles são o maior motivo deste exercício (quase) literário.

Muito obrigado a todos.

(A. L.)

## ÍNDICE

NAS ÁGUAS DA BOA PROSA – Aleilton Fonseca.....	11
UM RIO SEM CARAVELAS.....	15
BILHETE A UM JOVEM JORNALISTA .....	18
COM AS VEIAS ABERTAS.....	21
CUIDADO! AS PALAVRAS SÃO ERÓTICAS.....	23
CONVERSA DE HOMEM E ÁRVORE.....	25
SIMONE DE BEAUVOIR E A FORÇA DA COISA.....	28
SE EU ME CHAMASSE AMPHILÓPHIO.....	31
CREIAM, JÁ DERRUBEI BASTILHAS .....	34
DA QUE MATOU O GUARDA .....	37
A FALTA QUE FAZ UM DICIONÁRIO “POÉTICO” .....	40
EMÍLIO COM A VOZ ADOCICADA .....	42
DE APOSENTADOS E GIRAFAS .....	45
COISA QUE DÁ SUOR, VERTIGEM E FRAQUEZA .....	48
A CHINA INENARRÁVEL.....	51
CONTEMPLADORES DO UMBIGO .....	54
A LUXÚRIA EQUIVOCADA.....	57
ENTRE O DESDÉM E A SOLIDARIEDADE .....	60
O CAOS NOS NOMES PRÓPRIOS.....	64
NÃO TENHO MEDO DE MIM .....	66
SONETO GRAVADO A FOGO .....	69
A JUSTA CRÍTICA DOS AMIGOS .....	72
PISANDO NA BOLA .....	74
QUEDA PARA PIEGUICES RIMADAS .....	77

O TRABALHO COMO CASTIGO.....	80
OS ANJOS TAMBÉM AMAM.....	83
O TINHOSO CHUPANDO CANA.....	86
O INCINERADOR DE NAVIOS.....	89
MULHER FATAL CANTANDO À BEIRA DO MAR.....	92
UM JORRO DE LÁGRIMAS.....	95
FAZER OS DEVERES É DEVER DE TODOS.....	98
MUITO CUIDADO COM O POVO.....	101
NA SOLIDÃO DOS AUTÓGRAFOS.....	103
O CHEIRO E O TOC-TOC.....	105
BOM O HOMEM, MÁ A VIDA.....	108
DESABAFO E DESATINO EM QUASE REPENTE.....	111
EM BUSCA DE OUVIDOS PERDIDOS.....	114
A PAIXÃO PELA MÁQUINA.....	116
D. QUIXOTE EM PIGALLE.....	119
ENTRE O KAFKIANO E O ESTÚPIDO.....	123
ESCRITA COM BEMÓIS E SUSTENIDOS.....	125
O PAGADOR DE MICOS.....	128
CONTRA O ESTUFA E OUTROS EFEITOS.....	131
DE VINÍCIUS A VALDELICE.....	133
HUMPHREY BOGART CANASTRÃO.....	136
EXCESSO DE QUEIJOS E VINHOS.....	139
EU TAMBÉM NÃO SEI QUEM SOU.....	141
PENA MOLHADA EM VENENO.....	144
PARA ESCREVER, USE AS ORELHAS.....	147
UMA ARANHA METIDA A BESTA.....	150
SE FICOU VELHO, DEIXOU DE SER NOVO.....	153
RELER O PRÓRIO TEXTO É SOFRER DE NOVO.....	155
MEUS RESPEITOS AO ADJETIVO AGONIZANTE.....	157
É A LÓGICA PORTUGUESA, COM CERTEZA.....	160
JERERÊ, SARARÁ, CURURU.....	163
DESUNIDOS PELA LÍNGUA.....	165
FLOR, POEMA, SONHO E PROMESSA.....	168
COM O MAR ENTRE OS DEDOS.....	171
DO AUTOR.....	175

## NAS ÁGUAS DA BOA PROSA

Caro leitor: Quem não gosta de uma boa prosa? Seja bem-vindo a este pequeno banquete de saborosas crônicas que podemos degustar com prazer, sem riscos de indigestão. Se alguns bocados, com sal e pimenta, o engasgarem, acredite que será para o nosso próprio bem, porque, como já nos preveniram os poetas e os populares, “a vida tem dessas coisas”, e o cronista às vezes usa sal grosso nas misturas. Provei o sabor de cada peça, – e lhe adianto que não há sequer uma insípida, pois que todas se apresentam muito bem temperadas com talento, perspicácia, senso crítico, bom humor e ironia em pitadas precisas.

Aqui nos encontramos com a arte de um cronista criativo, num agradável e instigante passeio por situações, experiências, histórias, anedotas, revelações, leituras e, sobretudo, certos saberes da vida e da arte de escrever, em doses homeopáticas e eficientes. Desde a crônica inicial, seguimos os itinerários e as vivências do escritor, que fluem pelos becos e atalhos da memória, transubstanciando-se a matéria vivida em relatos lapidados com engenho jornalístico e arte literária.

Eis o mister do cronista: fixar, no tempo do texto que permanece, aquela centelha das vivências que, transitória e contingente, se esvai no instante mesmo de sua epifania. A crônica, nestes termos, pede deferimento. Senhora de si, ela salta da hemeroteca para a estante dos livros, pois que supera a fugacidade de origem e adentra o salão da permanência, como objeto corrente da cultura literária.

Vamos então mergulhar neste mar entre os dedos. Antes, tomemos um banho nas águas pretéritas do Rio Macuco, acompanhemos a trilha ao alto da Serra do Jequitibá, e de lá contemplemos o céu e o mar abraçados no horizonte que encanta os olhos e se envulsa nas miragens. Adiante conheceremos as ondas do mar, milagre que acontece a quem nasce no coração da mata, às margens de um rio e, num dia inesquecível, vai provar a água do oceano, para ver se realmente é tão salgada como dizem certos mentirosos. E o sal do mar é um batismo de fé na vida e nas palavras, marco inicial das pequenas e preciosas descobertas, que abatem quotas de nossas últimas inocências e acrescentam gotas de senso crítico diante do vasto mundo, no qual nem mesmo a rima é solução.

De fato, as palavras são essas águas cristalinas que escorrem das mãos do escritor. Suas crônicas são literárias no sentido exato do termo, pois que extrapolam o factual e o informativo, instaurando-se como exercícios de uma linguagem imagética, com figurações expressivas, efeitos sonoros e semânticos, com resultados estéticos singulares. Em busca de nossos ouvidos perdidos,

o cronista escreve como quem sonha. O sonho da escrita é uma viagem ao reino oculto das palavras, onde repousam os milagres das orações que despertam os deuses, aqui o implacável e indefectível Chronos.

Antônio Lopes malha o verbo numa oficina infatigável. Escolhe e molda as palavras, organiza as frases, dosa os sentidos, encaminha o texto para o golpe final, com clímax e desfecho, num só efeito de leitura e decifração. E isso nos mantém atentos, conduzidos por um fio que liga um texto ao outro, pelo interesse da prosa espriada, e por vezes desabusada, de um cronista sem peias nas teclas. Sua ironia e seu bom humor nos divertem e advertem, pois nos levam a rir das situações, vendo-as como espelhos onde nos mirarmos. Sim, as personagens reais ou imaginadas se nos assemelham em gestos, ofícios, espíritos, defeitos e qualidades. Rimos porque, como o autor, estranhamos certos fatos que nos forcem a contracenar em situações inusitadas do cotidiano.

Caro leitor, meu semelhante, se gastou seu tempo até aqui, creio que pode me conceder mais uns apartes. A crônica se assemelha a um beliscão. Ela nos alerta sobre fatos, ideias, valores, conceitos, atitudes; enfim, certas coisas que deixamos para trás, ou ainda não havíamos percebido, ou nunca paramos para analisar. É de seu feitio nos subtrair da comodidade, pois costuma plantar uns espinhos em nossa alma e envenenar nossos olhos com doses curativas do clássico *farmakon*, sem o qual seríamos uns bobos da corte. O cronista nos faz rir, mas não está de brincadeira,

pois adota um princípio que vem de tempos remotos, sob o lema latino: *ridendo castigat mores*. Eis, pois, que a graça que nos envolve e nos faz rir é, na verdade, um recado muito sério. Aviventa-nos a centelha de nossa visão crítica acerca de uma sociedade cada vez mais atolada em crises, incompreensões, impasses e modernices, no redemoinho de uma lógica superficial, consumista, sem lastro nos verdadeiros anseios humanos. O cronista acaba por nos alertar, para que tenhamos consciência em face de tais armadilhas, e que, se quisermos, possamos nos refugiar no conhecimento e nas artes: a poesia, a música, o teatro, a pintura; este vasto reino das palavras que esclarecem, ensinam e libertam.

Para finalizar, voltemos ao início. Ter o mar entre os dedos não é fácil. É ofício de um poeta em prosa. É preciso ter nascido à beira de um rio, no coração da mata, e escalado a Serra do Jequitibá, para atingir, com um lírico olhar sobre as distâncias, o privilégio de se abismar com as imagens do oceano e das palavras. E tudo começou nas águas de um rio. “As águas, rápidas, se foram; o menino, molhado em lágrimas de saudade, ainda está aqui.”

**Aleilton Fonseca**, poeta e ficcionista